

Entre matas, águas, céus: natureza, oralidade e memória no diálogo entre cosmovisões iorubás e guarani¹

Among forests, waters, and skies: nature, orality, and memory in the dialogue between Yoruba and Guarani worldviews

Entre bosques, aguas y cielos: naturaleza, oralidad y memoria en el diálogo entre cosmovisiones yoruba y guaraní

Julia de Almeida Silva — Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2807002273939734> Aluna do Curso Técnico em Agroecologia Integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, campus Cacoal. Contato: juliasilvaifro@gmail.com

Sérgio Nunes de Jesus — Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/9648583745536616> ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8255-751X> Professor Titular no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, campus Cacoal-RO. Acadêmico do Curso de Direito, do Centro Universitário Mauricio de Nassau (UNINASSAU), campus Cacoal-RO. Licenciado em Letras Português/Inglês/Literaturas (UNEB/FFCLC). Licenciado em História (UNICV). Especialista em Língua Portuguesa: Redação e Oratória (CUBM). Especialista em História da Cultura Indígena e Afro-brasileira (FAMART). Especialista em Antropologia Brasileira (FAMART). Especialista em Direito Internacional (FACEO). Mestre em Linguística (UNIR). Mestre em Science in Legal Studies, Emphasis in International Law (MUST). Doutor em Ciências da Educação (UTIC). Doutor em Estudos da Linguagem (UNICAP). Fez estágio pós-doutoral em Ciências da Educação (UFLO). Fez estágio pós-doutoral em Cartografia Social (UEMA). Professor permanente no PPGL-UNIR; PPGAgro-UNIR. Colaborador no PPGL-UNEMAT; ProfLETRAS-IFRO. Pesquisador associado ao Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, PNCSA-UEA (Centro de Ciências e Saberes dos Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro - Carmelita Nunes da Conceição 'CARMÉ'). Atualmente coordena o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (NEABI-IFRO, campus Cacoal). Lidera o grupo de pesquisa Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na Amazônia (DGP/CNPq-PDA-IFRO). Pesquisador na Web of Science Researcher iD: PQA-4188-2026. Pesquisador, escritor, músico e poeta. Contato: grupo.pda.ifro@gmail.com

Reginaldo Conceição da Silva — Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/8537046678523286> ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7158-8185> Docente da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atua como professor permanente na Pós-Graduação (Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH-UEA) e no Mestrado Profissional em Processos e Tecnologias Educacionais em Rede Nacional (ProfEDUCATEC-UEA). Pesquisador do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA). Licenciado em Geografia (UNEB). Mestre em Cartografia Social e Ciências Políticas da Amazônia (UEMA). Doutor em Geografia (UNIR). Professor de Geografia (UEA, campus Tabatinga-AM). É pesquisador nos Grupos de Pesquisa Laboratório Nova Cartografia Social: Processos de Territorialização, Identidades Coletivas e Movimentos Sociais (UEA); Núcleo de Estudos Socioambientais da Amazônia (UEA); Língua(gem), Cultura e Sociedade: Saberes e Práticas Discursivas na Amazônia (PDA, IFRO). Contato: resilva@uea.edu.br

¹O presente texto é parte integrante do Macro Projeto de Ensino, Pesquisa, Extensão (NEABI-IFRO, campus Cacoal) que tem como abordagem central norteadora Cultura Popular, Memória e Construção Identitária em Comunidades Tradicionais da Amazônia Rondoniense com as parcerias do grupo PDA, campus Cacoal-IFRO e do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, PNCSA-UEA (Centro de Ciências e Saberes dos Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro - Carmelita Nunes da Conceição 'CARMÉ').

Resumo:

Este artigo analisa as relações entre natureza, oralidade e memória na tradição iorubá dos orixás e em aspectos da cosmologia Guarani, buscando compreender aproximações temáticas sem estabelecer equivalências religiosas. A pesquisa caracteriza-se como revisão bibliográfica qualitativa e comparativa, organizada pelos eixos natureza, território, transmissão de conhecimentos e transformação histórica. A discussão examina associações dos orixás com matas, águas e fenômenos atmosféricos, enquanto o recorte Guarani contempla narrativas de criação, referências celestes e vínculos comunitários com o território. Os resultados da revisão indicam que a recorrência de elementos naturais não implica identidade de sentidos, pois cada relação integra contextos culturais específicos. A oralidade evidencia formas de aprendizagem e continuidade da memória cuja compreensão exige considerar as condições históricas de transmissão. Colonização, escravização, catequização e repressão religiosa atravessam os contextos examinados, sem constituírem experiências uniformes. Quadros, esquemas e fotografias de objetos museológicos complementam a exposição, preservando a distinção entre documentação e interpretação. Consideramos que o diálogo intercultural requer contextualização das fontes, reconhecimento da diversidade interna e explicitação dos limites comparativos. A contribuição educativa consiste em favorecer uma leitura das tradições como formas de produção de conhecimentos, evitando generalizações, hierarquizações culturais e correspondências religiosas não fundamentadas.

Palavras-chave:

1. Cosmovisão Iorubá; 2. Cosmologia Guarani; 3. Natureza; 4. Oralidade e Memória; 5. Diálogo Intercultural.

Abstract:

This article analyzes the relationships among nature, orality, and memory in the Yoruba tradition of the orishas and in selected aspects of Guarani cosmology, seeking to understand thematic connections without establishing religious equivalences. The study adopts a qualitative, comparative literature review organized around nature, territory, knowledge transmission, and historical transformation. The discussion examines associations between orishas and forests, waters, and atmospheric phenomena, while the Guarani focus encompasses creation narratives, celestial references, and community ties to territory. The review findings indicate that the recurrence of natural elements does not imply identical meanings, since each relationship belongs to a specific cultural context. Orality reveals forms of learning and continuity of memory that must be understood in relation to the historical conditions of transmission. Colonization, enslavement, Christianization, and religious repression have shaped the contexts examined without constituting uniform experiences. Comparative tables, diagrams, and photographs of museum objects complement the discussion while maintaining the distinction between documentation and interpretation. The article concludes that intercultural dialogue requires contextualizing sources, acknowledging internal diversity, and making comparative limits explicit. Its educational contribution lies in encouraging readers to approach these traditions as forms of knowledge production, avoiding generalizations, cultural hierarchies, and unsupported religious correspondences.

Keywords:

1. Yoruba worldview; 2. Guarani cosmology; 3. nature; 4. orality and memory; 5. intercultural dialogue.

Resumen:

Este artículo analiza las relaciones entre naturaleza, oralidad y memoria en la tradición yoruba de los orishas y en aspectos de la cosmología guaraní, buscando comprender aproximaciones temáticas sin establecer equivalencias religiosas. La investigación se caracteriza como una revisión bibliográfica cualitativa y comparativa, organizada por los ejes naturaleza, territorio, transmisión de conocimientos y transformación histórica. La discusión examina asociaciones de los orishas con bosques, aguas y fenómenos atmosféricos, mientras que el recorte guaraní contempla narrativas de creación, referencias celestes y vínculos comunitarios con el territorio. Los resultados indican que la recurrencia de elementos naturales no implica identidad de sentidos, pues cada relación integra contextos culturales específicos. La oralidad evidencia formas de aprendizaje y continuidad de la memoria cuya comprensión exige considerar las condiciones históricas de transmisión. Colonización, esclavización, catequización y represión religiosa atraviesan los contextos examinados sin constituir experiencias uniformes. Cuadros, esquemas y fotografías de objetos museológicos complementan la exposición, preservando la distinción entre documentación e interpretación. Consideramos que el diálogo intercultural requiere contextualizar las fuentes, reconocer la diversidad interna y explicitar los límites comparativos. La contribución educativa consiste en favorecer una lectura de las tradiciones como formas de producción de conocimientos, evitando generalizaciones, jerarquizaciones culturales y correspondencias religiosas no fundamentadas.

Palabras clave:

1. Cosmovisión yoruba; 2. Cosmología guaraní; 3. Naturaleza; 4. Oralidad y memoria; 5. Diálogo intercultural.

1 Introdução

O estudo das cosmovisões iorubá e Guarani permite examinar diferentes formas de compreender a existência, a natureza e as relações entre seres humanos e dimensões espirituais. Essas tradições não constituem versões de uma mesma religião. Elas se desenvolveram em contextos próprios, conservaram conhecimentos por meio de narrativas e práticas comunitárias e foram atravessadas por processos históricos distintos. No Brasil, a continuidade de conhecimentos africanos e indígenas ocorreu em condições marcadas por desigualdades, repressão e reorganização cultural, como indicam Prandi (1995) e Shapiro (1987).

A ideia central deste artigo consiste em reconhecer aproximações sem eliminar diferenças. A mata, a água, os astros e os fenômenos atmosféricos aparecem em tradições diversas, mas sua presença não estabelece correspondência automática entre entidades espirituais. Um mesmo fenômeno pode participar de narrativas diferentes e assumir funções específicas em cada sistema. A análise precisa, portanto, explicar as relações culturais que atribuem sentido aos elementos naturais antes de propor qualquer comparação.

O recorte reúne a tradição iorubá dos orixás e aspectos da cosmologia Guarani apresentados na bibliografia do texto de origem. Essa delimitação evita a expressão genérica

religião indígena como se ela designasse um conjunto uniforme. Também impede que toda a diversidade religiosa africana seja reduzida ao universo iorubá. O estudo considera referências selecionadas e não pretende abranger a totalidade dos conhecimentos dos povos mencionados.

Assim, a pergunta orientadora aponta: como analisar relações entre natureza, território, memória e espiritualidade nas cosmovisões iorubá e Guarani sem produzir equivalências religiosas? O objetivo geral é discutir essas relações por meio de revisão bibliográfica comparativa. Os objetivos específicos são contextualizar as tradições, examinar a importância da oralidade, analisar os sentidos de elementos naturais e compreender as transformações históricas relacionadas à continuidade dos conhecimentos.

A relevância educativa da discussão decorre da necessidade de apresentar povos africanos e indígenas como produtores de conhecimentos. O reconhecimento dessa produção exige mais do que a inclusão de nomes de divindades em materiais escolares. É necessário compreender como narrativas, territórios e experiências coletivas participam da organização de modos próprios de interpretar o mundo. Prandi (2001a; 2001b) e Jecupé (2001) oferecem referências para esse percurso, em contextos que precisam permanecer diferenciados.

A discussão também dialoga com publicações de Jesus em coautoria, nas quais linguagem, ancestralidade e reconhecimento cultural constituem problemas de pesquisa. Jesus et al. (2025) examinam a comunicação ritual em contextos religiosos distintos; Jesus; Alves; Sampaio (2026) discutem transmissão linguística e protagonismo feminino indígena. Esses trabalhos contribuem para interrogar as condições sociais de produção dos sentidos, preservando a delimitação iorubá e Guarani deste artigo.

Para estudantes do terceiro ano do ensino médio, o tema favorece o desenvolvimento de uma leitura comparativa fundamentada. Identificar uma semelhança é apenas o início da análise; explicar seus limites constitui uma etapa indispensável. Assim, o artigo organiza a discussão a partir dos conceitos, dos contextos culturais e dos processos históricos, demonstrando que a compreensão da diversidade depende da precisão com que cada tradição é apresentada.

2 Conceitos necessários à leitura

Neste estudo, cosmovisão designa uma maneira culturalmente organizada de compreender o mundo e a existência. O termo permite discutir relações entre natureza, vida social, memória e espiritualidade. Cosmologia refere-se, no recorte adotado, às concepções e narrativas sobre a origem e a organização do universo e sobre as relações entre seus

componentes. Esses conceitos se aproximam, mas não devem servir para reunir todas as tradições em uma explicação única. Seu uso organiza a leitura, sem substituir as categorias próprias dos povos estudados.

O conceito de natureza também precisa ser contextualizado. Matas, águas, animais, plantas e astros apresentam características materiais que podem ser investigadas por diferentes áreas científicas. Nas tradições analisadas, esses mesmos elementos participam de relações culturais e espirituais. Considerar essa dimensão significa examinar os sentidos que recebem na vida comunitária, e não transformar uma crença religiosa em uma afirmação científica sobre o funcionamento físico do universo.

Por território, compreende-se aqui um espaço de relações, experiências e continuidade coletiva. Essa definição ultrapassa a ideia de superfície delimitada no mapa. No recorte Guarani, o território relaciona-se à transmissão de conhecimentos e aos modos de organizar a existência. A relação entre pessoas e ambientes não é exterior à vida cultural: participa de sua constituição. As discussões de Macedo e Sztutman (2014) e Ramo (2020) ajudam a situar essa complexidade sem reduzir os Guarani a uma categoria homogênea.

A oralidade é entendida como transmissão de conhecimentos pela palavra e pelas relações que tornam essa palavra significativa. Ela envolve situações de aprendizagem, reconhecimento de quem ensina e participação comunitária. Sua importância não permite concluir que a escrita esteja ausente das experiências atuais desses povos. O ponto analítico consiste em reconhecer que conhecimentos podem ser preservados e elaborados por práticas que não dependem exclusivamente de registros escritos, conforme a discussão de Prandi (2001b).

A memória, por sua vez, não corresponde apenas à lembrança individual. No artigo, ela diz respeito à continuidade de narrativas, ensinamentos e experiências compartilhadas. Essa continuidade é histórica: conhecimentos podem permanecer, receber novos sentidos ou ser reorganizados em situações de contato e conflito. Preservação cultural não significa reprodução absolutamente idêntica de todas as práticas ao longo do tempo.

Por fim, diálogo intercultural designa a construção de relações entre conhecimentos de contextos distintos, com reconhecimento de suas diferenças. Sua finalidade não é demonstrar que todas as tradições dizem a mesma coisa. O diálogo exige atenção aos significados, aos limites da interpretação e às condições históricas que aproximaram ou afastaram os povos. Esses conceitos orientam a comparação e permitem que a linguagem acadêmica mantenha clareza sem abandonar a precisão.

A valorização dos conhecimentos africanos encontra uma interlocução em Jesus et al. (2026), que apresentam a epistemologia afrocentrada como perspectiva de reconhecimento dos saberes africanos e afrodescendentes diante da hegemonia eurocêntrica. Para a presente discussão, essa contribuição permite perguntar quais conhecimentos recebem legitimidade no espaço escolar. Reconhecer a oralidade e as experiências comunitárias como dimensões da produção de saber não dispensa a contextualização: exige que as tradições sejam estudadas por suas relações próprias, em vez de subordinadas a classificações que as apresentam como intelectualmente inferiores.

3 Percorso metodológico

O artigo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica qualitativa e comparativa. Uma revisão bibliográfica organiza e discute conhecimentos apresentados em publicações; não se confunde com uma pesquisa de campo. Neste caso, a análise retoma as referências presentes no texto de origem e reorganiza seus argumentos em torno de natureza, território, oralidade, criação e transformação histórica. A natureza qualitativa do estudo decorre do interesse pelos sentidos e pelas relações culturais, sem utilização de medidas estatísticas.

Para a tradição dos orixás e as religiões afro-brasileiras, o recorte mobiliza Prandi (1995; 2001a; 2001b), Verger (2018) e Nunes (2020). Para aspectos das tradições Guarani e de suas relações históricas com a cristianização, considera Jecupé (2001), Macedo e Sztutman (2014), Pierri (2014), Ramo (2020) e Shapiro (1987). As publicações desempenham funções diferentes: algumas apresentam narrativas, enquanto outras discutem processos sociais, formas de conhecimento e relações interculturais.

A comparação é organizada por temas. Inicialmente, situam-se os contextos de cada tradição. Em seguida, examinam-se os sentidos atribuídos à mata, às águas, aos fenômenos atmosféricos e aos astros. Depois, discutem-se a oralidade e as narrativas de criação. Por último, analisam-se processos históricos de transformação e suas implicações educativas. Essa sequência impede que a exposição comece por uma lista de supostos correspondentes religiosos.

O critério principal é distinguir aproximação temática de equivalência. Aproximação temática significa identificar um assunto ou elemento que aparece em contextos distintos. Equivalência significaria afirmar que duas entidades possuem identidade de função ou de sentido. As informações reunidas não autorizam esse segundo procedimento. Quando se aproxima Oxóssi da importância da mata em experiências Guarani, por exemplo, o objeto

comparado é a relevância cultural da floresta, preservando os diferentes sistemas que a significam.

As citações são indiretas: as ideias das fontes são apresentadas por meio de paráfrases, com indicação de autoria e ano. Essa opção exige fidelidade ao argumento, pois reescrever não significa atribuir aos autores conclusões que não formularam. As duas publicações de Prandi de 2001 são diferenciadas por letras, conforme a identificação na lista de referências. Os quadros são sínteses da exposição, acompanhados de indicação das bases bibliográficas.

O alcance do estudo permanece delimitado. Não foram produzidas entrevistas, observações de rituais ou descrições etnográficas inéditas. Tampouco se apresentam os resultados como manifestação oficial das comunidades. Trata-se de uma reorganização analítica do material bibliográfico, cujo rigor depende da contextualização das informações e do reconhecimento do que a comparação permite afirmar. Esse limite mantém a diferença entre uma síntese educativa e a totalidade da experiência vivida pelos povos. As fotografias museológicas acrescentadas à Figura 4 têm função documental e didática; não constituem levantamento etnográfico nem análise iconográfica exaustiva. Suas identificações seguem os registros de origem.

A ampliação bibliográfica incorpora quatro publicações com participação de Jesus, selecionadas por sua relação com linguagem ritual, transmissão oral, ancestralidade, território e educação. A consulta abrangeu o Repositório Institucional do IFRO, a Revista Tópicos e a Revista DCS. Os estudos são utilizados como interlocuções conceituais e educativas; seus objetos, recortes territoriais e procedimentos não se confundem com os desta revisão. Em particular, o trabalho sobre os Paiter Suruí constitui uma referência amazônica complementar, sem ampliar o corpus cosmológico Guarani nem fornecer descrições de suas práticas.

4 A tradição iorubá dos orixás

Os orixás integram tradições religiosas associadas aos povos iorubás da África Ocidental, em regiões que incluem áreas atualmente pertencentes à Nigéria e ao Benim. Verger (2018) apresenta relações entre esses cultos na África e em contextos do Novo Mundo, contribuindo para compreender a circulação histórica de conhecimentos. A referência geográfica não deve ser tomada como indicação de uniformidade: uma tradição pode apresentar diferenças internas e assumir configurações particulares em lugares distintos.

No recorte do artigo, os orixás são discutidos a partir de suas relações com elementos naturais e experiências humanas. A mata, as águas, os ventos, o ferro e os caminhos não

constituem apenas um conjunto de objetos associados a nomes religiosos. Eles participam de narrativas e práticas que organizam sentidos sobre a vida. Prandi (2001a) reúne mitos que permitem examinar essas relações, sem que a análise se reduza a uma classificação de atributos isolados.

Oxóssi relaciona-se à mata, à caça e ao conhecimento; Oxum, às águas doces e à fertilidade; Iemanjá, às águas e à maternidade, com forte associação ao mar no contexto brasileiro. Xangô vincula-se ao trovão, à autoridade e à justiça; Iansã ou Oyá, aos ventos e às tempestades; Ogum, ao ferro, às ferramentas e ao trabalho; Exu, à comunicação, aos caminhos e ao movimento. Essas associações sintetizam o recorte adotado, mas não esgotam a complexidade de cada orixá (Prandi, 2001a).

As narrativas atribuem sentido às relações entre divindades e experiências humanas. Conflitos, escolhas e transformações apresentados nos mitos permitem interpretar dimensões da vida social. Por isso, o estudo não deve tratar essas narrativas como histórias desconectadas das comunidades. A relevância do mito está relacionada às práticas e aos conhecimentos nos quais ele circula, e não apenas à sequência de acontecimentos narrados.

No Brasil, a continuidade das tradições dos orixás ocorreu em condições históricas vinculadas à escravidão e à diáspora africana. Diáspora, nesse contexto, refere-se ao deslocamento de populações e à reorganização de suas experiências fora dos territórios de origem. O Candomblé representa uma expressão relevante de preservação e reelaboração desses conhecimentos. Prandi (1995) analisa sua presença social, permitindo situar a religião em processos históricos brasileiros.

A tradição iorubá, portanto, não pode ser apresentada como um repertório imóvel transferido integralmente de um território a outro. A permanência de referências e narrativas coexistiu com mudanças nas condições de transmissão. Essa compreensão preserva a relação entre origem africana e experiência afro-brasileira, sem supor identidade absoluta entre todos os contextos. É nesse quadro que se tornam possíveis as discussões sobre natureza e memória desenvolvidas nas seções seguintes.

Em Rito, comunicação, linguagem, Jesus et al. (2025) analisam uma cerimônia católica registrada em documentário e estabelecem um contraste com perspectivas afro-brasileiras e kardecistas sobre a possessão. A contribuição pertinente está em compreender o rito como evento comunicativo culturalmente condicionado, envolvendo aspectos verbais e não verbais. Aplicada como orientação de leitura, essa abordagem reforça que nomes, gestos e símbolos religiosos precisam ser interpretados no conjunto de relações em que funcionam. O estudo citado não descreve rituais Guarani nem permite transferir a categoria católica de possessão

demoníaca para o culto aos orixás. A comparação conserva, assim, a diferença entre aproximação analítica e imposição de uma doutrina sobre outra.

As relações de Ogum com o ferro, as ferramentas e o trabalho e de Exu com os caminhos, a comunicação e o movimento mostram que a análise não se limita a paisagens naturais. Essas associações também envolvem a experiência social e não podem ser explicadas por atributos isolados. A articulação entre natureza, práticas humanas e referências espirituais constitui parte do problema discutido, conforme Prandi (2001a).

A leitura escolar deve utilizar essas associações como entradas para o estudo, sem tomá-las como definições completas. Registrar um atributo facilita a identificação de uma referência, mas compreender seus sentidos exige examinar as narrativas e os contextos de transmissão. Não se estabelece, neste artigo, qualquer figura Guarani equivalente a Ogum ou Exu.

5 Cosmologia Guarani e diversidade interna

A expressão cosmologia Guarani precisa ser utilizada com atenção à pluralidade das comunidades e das experiências históricas. O termo Guarani não permite pressupor que todas as narrativas tenham uma única versão ou que todos os grupos atribuam os mesmos sentidos às referências espirituais. O artigo aborda elementos delimitados pela bibliografia, evitando transformar um recorte em descrição universal. Essa precaução é coerente com a discussão de Macedo e Sztutman (2014), situada entre os Guarani Mbya.

Jecupé (2001) apresenta conhecimentos relativos à criação do universo, da terra e do ser humano segundo a tradição oral Guarani. A obra permite discutir a importância da palavra e da narrativa na transmissão de concepções sobre a existência. Sua utilização, contudo, não autoriza substituir a diversidade Guarani por uma única exposição. O registro bibliográfico constitui uma via de acesso a determinados conhecimentos, cuja compreensão exige conservar o contexto da apresentação.

Nhanderu ou Ñanderu aparece no texto de origem associado à dimensão criadora e espiritual. A referência precisa permanecer situada nas tradições em que é mobilizada. Macedo e Sztutman (2014) discutem relações entre pessoas e potências divinas, mostrando que as categorias utilizadas no estudo dessas experiências não podem ser reduzidas a uma lista de deuses. A noção de criação, nesse sentido, não elimina outras relações importantes para a vida comunitária.

Kuaray e Jasy são apresentados, no recorte, em associação com o Sol e a Lua. A presença desses elementos em determinadas narrativas indica que o céu participa das

concepções sobre a organização do mundo. Entretanto, não se estabelecem aqui versões detalhadas de episódios míticos nem atribuições universais aos astros. O estudo mantém apenas as associações sustentadas pela exposição de base, sem inventar personagens, acontecimentos ou práticas.

O território ocupa posição central nessa discussão porque integra condições de existência, memória e transmissão. Florestas, rios, plantas e animais participam de ambientes nos quais experiências são compartilhadas. A relação com a terra, assim, não pode ser descrita exclusivamente pela utilidade econômica. Considerar o território como espaço de continuidade cultural permite compreender por que a alteração de ambientes também pode afetar práticas e conhecimentos.

Ramo (2020) discute tempo, troca e transformação em aspectos da cosmologia Guarani, contribuindo para afastar a ideia de uma cultura sem história. A continuidade não implica ausência de mudanças. Conhecimentos e relações se realizam em experiências concretas, nas quais permanência e transformação podem coexistir. A comparação com a tradição dos orixás deve partir dessa complexidade, reconhecendo que território e espiritualidade se articulam de maneiras próprias e não constituem categorias automaticamente intercambiáveis.

6 Natureza e relações culturais

A natureza constitui o principal eixo temático da comparação, mas esse eixo não corresponde a uma identidade entre os sistemas estudados. Matas, águas e fenômenos celestes podem estar presentes em ambos os recortes sem exercer a mesma função. O interesse da análise está em examinar como esses elementos integram narrativas e experiências, preservando os contextos em que são significados. A proximidade temática precisa ser acompanhada da explicação das diferenças.

Na tradição dos orixás, as relações com a natureza articulam-se a referências espirituais e sociais. Nunes (2020) discute o Candomblé a partir de relações entre orixás, natureza e seres humanos, contribuindo para a leitura desse vínculo como parte de uma concepção de mundo. No recorte Guarani, a importância dos ambientes relaciona-se à continuidade comunitária e às concepções sobre a existência. A comparação incide sobre a relevância dessas relações, sem afirmar uma estrutura comum para todas elas.

Quadro 1 – Eixos temáticos da comparação.

Eixo	Tradição dos orixás	Recorte Guarani	Limite analítico
Mata	Oxóssi e conhecimentos da floresta	Território e continuidade de saberes	Não há equivalência entre entidades.
Águas	Oxum e Iemanjá em narrativas próprias	Ambientes de vida e relações territoriais	Importância comum não implica sentidos idênticos.
Céu	Xangô e Iansã em associações específicas	Kuaray e Jasy em determinadas narrativas	Não se estabelece um sistema religioso único.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Prandi (2001a), Verger (2018) e Jecupé (2001).

O quadro sintetiza temas que orientam a leitura; suas linhas não representam correspondências entre entidades. A coluna relativa ao limite analítico indica precisamente o que não pode ser deduzido de uma semelhança. Essa organização favorece a compreensão de que comparar exige selecionar um problema e justificar os critérios da aproximação. O quadro também evidencia a distribuição desigual das informações: um tema pode ser mais detalhado em uma tradição do que em outra.

A água exemplifica esse cuidado. Sua importância material para a vida não explica, por si só, os sentidos religiosos que recebe. A relação de Oxum com as águas doces pertence a um conjunto específico de narrativas. A presença de rios em experiências Guarani deve ser compreendida por outra rede de relações. Embora o elemento natural seja reconhecível nos dois contextos, a passagem de um contexto ao outro exige atenção ao significado.

O mesmo princípio vale para a mata e os astros. A comparação não consiste em retirar nomes de suas tradições e reorganizá-los conforme categorias escolares genéricas. Ela procura mostrar como natureza e conhecimento se relacionam em experiências distintas. O resultado é uma compreensão mais precisa da diversidade, na qual a recorrência de elementos naturais se torna ponto de investigação, sem funcionar como prova de identidade cosmológica.

A Figura 1 articula os eixos ambientais discutidos nesta seção com a oralidade e a memória. As duas tradições permanecem em campos distintos: a disposição visual aproxima temas, sem sugerir correspondência entre orixás, referências espirituais ou narrativas Guarani (Prandi, 2001a; 2001b; Jecupé, 2001; Macedo; Sztutman, 2014).

Figura 1 – Natureza, oralidade e memória nos recortes iorubá e Guarani.

TRADIÇÃO IORUBÁ Recorte dos orixás	EIXOS DE LEITURA	RECORTE GUARANI Diversidade de tradições
Oxóssi Mata, caça e conhecimento	MATAS	Território e continuidade de conhecimentos
Oxum e Iemanjá Águas e sentidos próprios em contextos específicos	ÁGUAS	Rios e ambientes de vida Relações com o território
Xangô e Iansã Trovão, ventos e tempestades	CÉUS	Kuaray e Jasy Sol e Lua no recorte do texto

ORALIDADE E MEMÓRIA

Transmissão de conhecimentos em contextos comunitários distintos

Aproximação temática não significa equivalência religiosa.

Fonte: Elaboração própria dos autores (2026), com base em Prandi (2001a; 2001b), Jecupé (2001) e Macedo e Sztutman (2014). Nota: Esquema interpretativo da revisão bibliográfica; não representa iconografia ritual, manifestação oficial das comunidades nem equivalência entre entidades. As linhas indicam temas de leitura, e não atributos religiosos idênticos.

A leitura da Figura 1 permite reconhecer que matas, águas e céus participam de redes de significação situadas. No campo iorubá, a síntese remete às associações dos orixás apresentadas por Prandi (2001a); no recorte Guarani, destaca relações entre território, narrativas e referências celestes, conforme a delimitação bibliográfica adotada. A oralidade e a memória atravessam a comparação como práticas de continuidade de conhecimentos, preservadas suas condições comunitárias e históricas (Prandi, 2001b; Jecupé, 2001). Macedo e Sztutman (2014), ao discutirem individuação e divinização entre os Guarani Mbya em diálogo com um problema das religiões afro-brasileiras, contribuem para situar a comparação sem apagar suas diferenças. Assim, o entrelaçamento visual reforça a tese do artigo: compartilhar um tema ambiental não implica compartilhar a mesma organização cosmológica.

7 Oxóssi e os sentidos da mata

A relação de Oxóssi com a mata, a caça e o conhecimento constitui um eixo relevante na tradição dos orixás. Nas narrativas reunidas por Prandi (2001a), referências às divindades integram relações entre natureza e experiência humana. A mata não aparece apenas como cenário exterior à vida religiosa. Ela participa de sentidos associados ao reconhecimento do ambiente e aos saberes necessários às atividades humanas que nele se realizam.

Essa relação permite discutir a diferença entre descrever um espaço e compreender sua importância cultural. Uma descrição material da floresta pode abordar vegetação, animais e condições ambientais. A análise cosmológica acrescenta outra pergunta: como esse ambiente integra narrativas e relações espirituais? Os dois enfoques não se confundem. O artigo se concentra no segundo, sem apresentar propriedades religiosas como explicações físicas dos processos naturais.

No recorte Guarani, a mata relaciona-se ao território e à continuidade de conhecimentos. A experiência comunitária não pode ser separada de modo absoluto dos ambientes em que ocorre. Plantas, animais e caminhos participam de relações que articulam vida cotidiana e memória. Jecupé (2001) oferece uma referência para examinar a presença da natureza nas narrativas, enquanto a discussão sobre relações e transformação aparece em Macedo e Sztutman (2014).

A aproximação entre os recortes pode ser formulada pela centralidade cultural da floresta. Essa formulação mantém o objeto da comparação em um nível temático. Não afirma que Oxóssi possua um equivalente Guarani, nem que a relação Guarani com a mata seja uma versão de seu culto. A análise identifica um ambiente significativo e examina a maneira como diferentes tradições o incluem em seus conhecimentos.

Um erro de interpretação ocorreria se a semelhança ambiental fosse convertida em identidade religiosa. A conclusão de que duas tradições atribuem importância à floresta é compatível com os limites do estudo. A conclusão de que possuem a mesma entidade da floresta ultrapassaria as informações disponíveis. A distinção mostra que a qualidade de uma comparação depende tanto do que ela aproxima quanto do que preserva como diferença.

A discussão também permite relacionar natureza e memória. Quando conhecimentos circulam em experiências ligadas à mata, sua continuidade depende das condições de transmissão e da manutenção de vínculos comunitários. Essa relação não autoriza idealizar todos os grupos como igualmente próximos de um ambiente intocado. Seu valor está em reconhecer que os espaços de vida podem integrar sistemas de conhecimento e que mudanças nesses espaços afetam as possibilidades de sua continuidade.

O estudo de Suruí et al. (2026), com participação de Jesus, oferece uma interlocução amazônica ao relacionar saberes ancestrais, manejo agroflorestal e identidade coletiva na comunidade Paiter Suruí Gap Ey, em Rondônia. Os autores discutem práticas agrícolas, oralidade e transmissão intergeracional em sua articulação com a conservação ambiental. Essa referência fortalece a pergunta sobre a relação entre território e continuidade cultural, mas permanece exterior ao recorte Guarani: práticas Paiter Suruí não podem ser apresentadas como

evidências de uma cosmologia de outro povo. Sua pertinência consiste em mostrar que o debate sobre natureza pode envolver produção material, aprendizagem comunitária e defesa de condições de existência, sem limitar os conhecimentos indígenas a narrativas sobre um passado distante.

Assim, a mata constitui um eixo de aproximação consistente quando a análise permanece vinculada às fontes e aos contextos. O tema evidencia a participação do ambiente na produção de sentidos, mantendo separadas a mitologia de Oxóssi e as relações territoriais discutidas no recorte Guarani.

8 Oxum, Iemanjá e os sentidos das águas

Oxum e Iemanjá apresentam relações importantes com as águas na tradição dos orixás. Prandi (2001a) reúne narrativas que permitem situar Oxum em associação com águas doces, fertilidade, maternidade e prosperidade. Iemanjá relaciona-se às águas e à maternidade, com uma presença especialmente vinculada ao mar no contexto afro-brasileiro. O uso de uma associação predominante não deve ser entendido como descrição completa de cada orixá.

A proximidade com um mesmo elemento natural não elimina diferenças entre Oxum e Iemanjá. Seus sentidos não podem ser reunidos apenas porque ambas se relacionam à água. Essa observação, feita no interior da própria tradição, ajuda a compreender o limite da comparação entre tradições diferentes: se o elemento comum não produz identidade dentro de um sistema, tampouco pode produzir equivalência automática entre sistemas de origens distintas.

Verger (2018) contribui para situar os cultos aos orixás em contextos africanos e do Novo Mundo. Essa perspectiva permite reconhecer que as associações religiosas têm história e podem assumir configurações particulares em lugares diferentes. Por isso, a relação de Iemanjá com o mar no Brasil precisa ser apresentada como uma referência situada, sem projetar uma configuração brasileira sobre todos os contextos africanos.

No texto de origem, rios, nascentes e ambientes aquáticos são considerados relevantes para a vida de povos indígenas e para suas relações com o território. No recorte Guarani, a análise mantém essa importância ambiental e cultural, sem identificar uma entidade específica como equivalente a Oxum ou Iemanjá. A ausência dessa identificação não é uma lacuna a ser preenchida com suposições, mas um limite que precisa ser respeitado.

A comparação permite reconhecer que as águas ultrapassam sua condição de recurso material quando participam de narrativas e memórias. Entretanto, essa formulação geral não

estabelece que a maternidade, a fertilidade ou a prosperidade ocupem o mesmo lugar em cada tradição. Tais associações permanecem vinculadas ao contexto em que foram apresentadas. A passagem do tema comum aos significados específicos exige sempre uma referência bibliográfica adequada.

No ensino, esse exemplo favorece o exercício da precisão. É possível afirmar que a água participa de diferentes experiências culturais; é necessário explicar quais experiências são abordadas e quais sentidos estão efetivamente documentados. Uma síntese escolar que distribua todas as águas entre supostas divindades equivalentes reduziria a complexidade do assunto e introduziria relações não sustentadas pelo material.

A contribuição dessa análise está em manter a água como ponto de investigação. Ao reconhecer suas dimensões materiais, culturais e espirituais sem confundi-las, o estudo preserva a especificidade de Oxum e Iemanjá e a complexidade das relações territoriais do recorte Guarani. O diálogo intercultural depende dessa distinção entre elemento compartilhado e significado contextualizado.

9 Xangô, Tupã e os fenômenos atmosféricos

Xangô aparece na tradição dos orixás associado ao trovão, ao fogo, à autoridade e à justiça. Essas relações integram narrativas sobre experiências e poderes que não podem ser reduzidos ao fenômeno atmosférico isolado. Prandi (2001a) permite situar o orixá em um conjunto de sentidos religiosos e sociais. O trovão é relevante para a comparação, mas não representa a totalidade de sua caracterização.

Tupã, por sua vez, aparece em descrições de tradições Tupi-Guarani relacionado ao trovão. Essa referência exige uma precisão adicional: Tupi-Guarani não deve ser utilizada como designação de uma religião única. O artigo aborda um problema de interpretação presente na bibliografia, sem estender uma associação específica a todos os povos incluídos por essa expressão. A diversidade dos contextos limita qualquer generalização.

Shapiro (1987) discute a cristianização de cosmologias Tupi-Guarani e mostra a importância de considerar os processos históricos de tradução. O uso missionário de palavras e categorias indígenas pode aproximá-las de conceitos cristãos, produzindo deslocamentos de sentido. Isso não significa que as referências indígenas sejam inteiramente criadas pelo contato. Significa que sua apresentação em fontes e descrições precisa ser examinada à luz das condições históricas de interpretação.

A comparação de Xangô com referências a Tupã restringe-se, portanto, à presença do trovão em contextos específicos. Essa aproximação não permite afirmar identidade de função, de origem ou de posição cosmológica. O tema compartilhado oferece uma pergunta sobre os sentidos do fenômeno; não oferece uma resposta automática sobre equivalência entre entidades. A precaução é necessária para não reproduzir simplificações provenientes de traduções externas.

Iansã ou Oyá também participa do recorte por sua associação com ventos e tempestades, conforme Prandi (2001a). Sua presença amplia a compreensão de que fenômenos atmosféricos podem assumir sentidos distintos no próprio universo dos orixás. Assim, nem o trovão nem a tempestade devem ser usados como etiquetas que esgotem uma referência espiritual. Cada associação depende das narrativas e práticas em que se constitui.

Pierri (2014), ao discutir uma crítica xamânica ao cristianismo, oferece uma referência para reconhecer que interpretações indígenas do contato não se limitam à aceitação passiva de categorias externas. No âmbito deste artigo, essa contribuição reforça a necessidade de examinar a transformação como processo de relações e elaboração de sentidos. Não se acrescentam, porém, episódios de campo ou detalhes narrativos que não pertencem à exposição de base.

Os fenômenos atmosféricos mostram, assim, a dupla tarefa da comparação: reconhecer temas próximos e explicitar suas diferenças históricas. O estudo mantém Xangô, Iansã e Tupã em seus contextos de referência, demonstrando que o cuidado com a tradução faz parte do rigor analítico.

10 Kuaray, Jasy e a organização do mundo

No recorte Guarani apresentado pelo texto de origem, Kuaray e Jasy aparecem associados ao Sol e à Lua em determinadas narrativas. Jecupé (2001) constitui uma referência para discutir a tradição oral e as concepções sobre a criação. Os astros participam, nesse âmbito, de conhecimentos sobre a organização do universo, mas a análise não atribui uma única versão dessas concepções a todas as comunidades Guarani.

A presença do Sol e da Lua permite examinar a relação entre observação do ambiente e elaboração cultural. Esses corpos celestes podem ser considerados por suas características materiais e também pelos sentidos que assumem em narrativas. A abordagem do artigo se concentra na segunda dimensão. Não se pretende substituir o estudo científico dos astros por

uma interpretação religiosa, mas compreender a participação do céu em formas particulares de organizar a experiência.

O texto de origem aproxima os astros dos ciclos naturais e da passagem do tempo. Essa relação é mantida em um nível geral, sem introduzir calendários, datas rituais ou técnicas de observação não documentadas. A explicação precisa permanece dentro do que o material permite afirmar. Quando um dado específico não está disponível, a exposição deve reconhecer seu limite, em vez de completar a narrativa com informações supostas.

Ramo (2020) discute relações entre tempo, troca e transformação na cosmologia Guarani. A referência contribui para compreender que o tempo pode participar de relações culturais mais amplas do que a simples contagem de períodos. Entretanto, essa contribuição não autoriza tratar Kuaray e Jasy como responsáveis por todos os aspectos temporais abordados pela autora. É necessário distinguir o tema geral da obra das associações específicas reunidas neste artigo.

Não se identifica um orixá equivalente a Kuaray ou Jasy. O problema comparativo está na presença de elementos naturais e na organização de sentidos sobre o mundo, e não na construção de pares religiosos. A ausência de um par específico confirma que uma comparação temática pode ser produtiva sem depender de correspondências. Seu objetivo é explicar relações, preservando diferentes formas de concebê-las.

O exame do céu também se articula ao território. A experiência de um ambiente inclui relações com águas, matas e fenômenos observáveis acima dele. No plano analítico, essa articulação permite compreender por que a natureza não aparece apenas como um conjunto de recursos separados. Ela participa de formas de situar a existência humana, cuja interpretação depende das narrativas e experiências comunitárias.

Ao reunir matas, águas, trovões, ventos, Sol e Lua, o estudo não formula uma cosmologia universal. Ele demonstra que elementos reconhecíveis podem receber sentidos diversos. O céu, assim como os demais ambientes, permite construir um diálogo entre conhecimentos quando a comparação evita projetar as categorias de uma tradição sobre a outra.

11 Criação, oralidade e memória

As narrativas de criação integram concepções sobre a origem e a organização do mundo. Na tradição dos orixás, os mitos reunidos por Prandi (2001a) apresentam relações entre divindades, natureza e seres humanos. No recorte Guarani, Jecupé (2001) aborda a criação segundo a tradição oral. A presença desse tema em ambos os contextos permite uma

aproximação, mas não demonstra que uma narrativa derive da outra ou que suas figuras sejam equivalentes.

O mito é considerado aqui em sua função cultural de organizar sentidos e transmitir conhecimentos. Essa abordagem não utiliza a palavra como sinônimo de informação falsa. A pergunta analítica é como uma narrativa participa da experiência de uma comunidade. Seu significado depende das relações em que é transmitida, de quem a apresenta e da posição que ocupa em práticas de conhecimento e memória.

A oralidade possui relevância porque articula palavra, aprendizagem e participação coletiva. Os conhecimentos não são transmitidos apenas como conteúdos abstratos; circulam em experiências que reconhecem relações entre gerações. Prandi (2001b) discute tempo, saber e autoridade nas religiões afro-brasileiras, oferecendo uma referência para compreender essa dimensão da transmissão. O estudo permite reconhecer que a aquisição de conhecimentos envolve contextos sociais específicos.

Jecupé (2001) evidencia a importância da tradição oral no registro de concepções Guarani. A passagem de conhecimentos para uma publicação amplia possibilidades de leitura, mas não substitui integralmente as relações comunitárias em que esses conhecimentos fazem sentido. O livro é uma mediação: apresenta conteúdos por uma forma escrita, sem transformar a experiência cultural em um objeto completamente independente de seus contextos.

Jesus; Alves; Sampaio (2026), em Guardiões da floresta, discutem a preservação das línguas indígenas e o protagonismo feminino na continuidade de saberes, com atenção ao contexto de Rondônia. Essa interlocução acrescenta uma pergunta à análise da oralidade: quem sustenta a transmissão e em quais condições pode exercer a palavra? No presente artigo, a pergunta orienta a leitura das fontes, sem autorizar a atribuição de uma organização feminina específica a todas as comunidades Guarani ou às tradições iorubás. A memória deixa de ser tratada como conteúdo que se conserva sozinho e passa a ser examinada em relação aos sujeitos e aos vínculos que possibilitam ensinar, narrar e aprender.

Quadro 2 – Dimensões da transmissão de conhecimentos.

Dimensão	Participação na continuidade	Cuidado de leitura
Narrativa	Organiza sentidos sobre a existência.	Contextualizar versões e referências.
Oralidade	Articula palavra e aprendizagem comunitária.	Evitar sua classificação como conhecimento inferior.
Memória	Mantém referências em experiências históricas.	Não confundir continuidade com imobilidade.

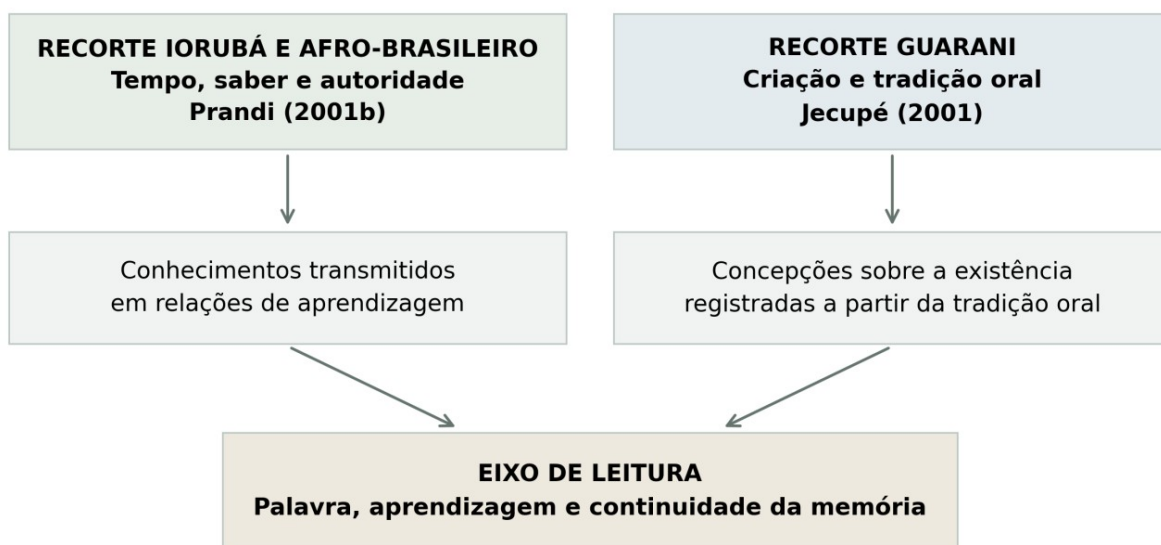
Fonte: Elaborado pelos autores com base em Prandi (2001a; 2001b) e Jecupé (2001).

O quadro diferencia dimensões que atuam de modo articulado. Uma narrativa pode conservar conhecimentos, mas sua permanência não depende somente do enredo. Depende também da possibilidade de transmiti-la, de reconhecer seus sentidos e de manter relações que sustentem sua aprendizagem. Esse argumento explica por que memória e oralidade não podem ser estudadas apenas como técnicas de repetição.

A continuidade cultural também admite transformação. Recontar e aprender envolvem experiências históricas, nas quais sentidos podem ser reorganizados. Reconhecer esse processo impede que as tradições sejam apresentadas como cópias intactas de um passado remoto. A comparação evidencia a relevância da palavra e da memória sem estabelecer um modelo único de transmissão para os contextos africanos e Guarani.

A Figura 2 retoma a discussão sobre transmissão de conhecimentos e distingue os dois recortes bibliográficos antes de aproximá-los pela relação entre palavra, aprendizagem e memória. As setas organizam a leitura da síntese; não representam uma sequência ritual comum às tradições.

Figura 2 – Oralidade e memória na transmissão de conhecimentos.



Tema comparável; formas de transmissão e sentidos permanecem situados.

Fonte: elaboração própria (2026), com base em Prandi (2001b) e Jecupé (2001). Nota: Síntese interpretativa de fontes distintas. O recorte iorubá e afro-brasileiro não abrange todas as tradições africanas; o recorte Guarani não representa a totalidade de suas comunidades.

A Figura 2 evidencia uma aproximação relativa às condições de transmissão, sem propor um método cultural único de aprendizagem. Prandi (2001b) permite situar as relações entre tempo, saber e autoridade nas religiões afro-brasileiras; Jecupé (2001) oferece um registro de concepções Guarani apresentado a partir da tradição oral. A convergência gráfica incide,

portanto, sobre o problema de como conhecimentos adquirem continuidade em contextos sociais específicos. Não se deduz dessa aproximação que as posições de quem ensina, os conteúdos transmitidos ou as formas de reconhecimento comunitário sejam idênticos. A memória comparece como continuidade situada de conhecimentos, cuja compreensão depende das relações históricas e culturais examinadas em cada fonte.

12 Colonização, escravização e catequização

A análise das tradições precisa considerar as condições históricas que afetaram sua continuidade. A colonização, a escravização e a catequização não aparecem apenas como acontecimentos exteriores aos conhecimentos estudados. Esses processos modificaram territórios, relações sociais e possibilidades de transmissão. Sua discussão permite compreender por que a preservação cultural coexistiu com deslocamentos, conflitos e reorganizações, sem reduzir as comunidades à condição de vítimas sem capacidade de ação.

No caso das populações africanas escravizadas, o deslocamento forçado para o Brasil esteve associado à violência e à restrição de práticas culturais e religiosas. Prandi (1995) oferece uma referência para situar a presença do Candomblé e dos deuses africanos na sociedade brasileira. A continuidade de conhecimentos não significa ausência de repressão; indica que narrativas e práticas puderam ser mantidas e reelaboradas em condições adversas.

A dimensão coletiva da preservação merece atenção. Conhecimentos religiosos dependem de pessoas, relações e espaços de transmissão. A violência contra essas condições pode dificultar sua continuidade, mesmo quando não elimina todos os conteúdos. Por essa razão, o estudo da memória precisa considerar as possibilidades concretas de ensinar, aprender e praticar. A existência de uma tradição no presente não apaga os obstáculos históricos enfrentados por seus participantes.

Entre os povos indígenas, a catequização procurou aproximar concepções locais de referências cristãs. Shapiro (1987) discute esse processo em cosmologias Tupi-Guarani, permitindo reconhecer que a tradução de palavras não é necessariamente uma operação neutra. Um termo pode ser utilizado em um novo contexto e receber sentidos diferentes daqueles que apresentava em relações anteriores. A análise precisa identificar esse deslocamento antes de naturalizar a equivalência.

Pierri (2014) contribui para reconhecer a presença de interpretações indígenas do cristianismo. Essa contribuição impede que o contato seja descrito apenas como transmissão unilateral de ideias europeias. A elaboração de sentidos por sujeitos indígenas faz parte da

complexidade histórica, embora não elimine a desigualdade das relações coloniais. Reconhecer agência significa considerar a capacidade de interpretação e ação dos sujeitos, sem negar as condições que restringem essa capacidade.

A colonização também afeta a maneira como as tradições foram descritas. Materiais externos podem apresentar conceitos indígenas e africanos a partir de classificações que lhes são alheias. O artigo procura evitar a reprodução dessas classificações como verdades universais. Seu compromisso é explicitar os contextos e os limites das informações, distinguindo categorias culturais de interpretações produzidas no contato.

O problema do silenciamento linguístico, discutido por Jesus, Alves e Sampaio (2026), aproxima a reflexão sobre memória das desigualdades nas condições de transmissão. Essa contribuição ajuda a formular, para esta revisão, uma questão histórica: quais relações de poder favorecem a circulação de determinados conhecimentos e restringem a de outros? A aproximação não transforma experiências indígenas e afro-brasileiras em uma trajetória única; permite examinar a continuidade cultural considerando as condições de exercício da palavra.

Assim, os processos históricos integram o problema comparativo. A presença atual de uma palavra ou de uma associação religiosa precisa ser compreendida em relação às experiências que favoreceram sua circulação. A preservação das diferenças exige analisar também a história das traduções, dos deslocamentos e das formas de continuidade.

13 Sincretismo, transformação e permanência

O sincretismo religioso é discutido no texto de origem como parte das transformações históricas das tradições no Brasil. No recorte afro-brasileiro, aparecem associações entre divindades africanas e santos católicos em determinados contextos. Essas relações precisam ser analisadas segundo as condições de contato e repressão, sem afirmar que ocorreram de maneira idêntica em todas as comunidades ou que esgotam a história das religiões dos orixás.

A associação de referências de tradições distintas não significa substituição completa de uma pela outra. Elementos próprios podem permanecer enquanto novos vínculos são construídos. Prandi (1995) permite situar as religiões afro-brasileiras em processos sociais, contribuindo para a compreensão de sua presença histórica. O estudo evita reduzir o sincretismo a uma explicação única, como se todas as associações tivessem a mesma finalidade e o mesmo significado.

A transformação cultural também não deve ser apresentada como perda automática de autenticidade. Uma tradição pode conservar referências e reorganizar práticas diante de novas

condições. Esse processo exige análise, porque permanência e mudança não são opostos absolutos. A continuidade da memória depende de pessoas que a realizam no presente, em experiências que não repetem integralmente todas as condições do passado.

No recorte Guarani, as relações com a cristianização igualmente exigem cuidado. Shapiro (1987) e Pierri (2014), por caminhos específicos, permitem discutir traduções, aproximações e interpretações em situações de contato. A comparação identifica que processos históricos afetaram os contextos estudados, mas não os reúne em uma trajetória comum. Escravização e catequização possuem relações com a colonização, sem se tornarem experiências idênticas.

Quadro 3 – Processos históricos e questões analíticas.

Processo	Questão examinada	Cuidado interpretativo
Escravidão e repressão	Restrições à continuidade afro-brasileira	Reconhecer violência e reorganização comunitária.
Catequização	Tradução de referências indígenas	Examinar deslocamentos de sentido.
Sincretismo	Associações em condições históricas específicas	Evitar equivalência ou substituição total.

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Prandi (1995), Shapiro (1987) e Pierri (2014).

O quadro organiza processos e questões analíticas, sem apresentar uma sequência obrigatória ou uma experiência universal. Suas linhas evidenciam que a continuidade não pode ser avaliada apenas pela existência de nomes e narrativas. Também é necessário considerar as condições de transmissão, os deslocamentos de sentido e as relações comunitárias que sustentam os conhecimentos.

A permanência cultural, portanto, não corresponde à imobilidade. Ela envolve o reconhecimento de referências e a possibilidade de mantê-las significativas em diferentes condições históricas. Ao preservar essa perspectiva, o artigo evita tanto a idealização de tradições intocadas quanto a conclusão de que o contato teria eliminado sua especificidade. O diálogo intercultural exige reconhecer mudanças sem reduzir todos os sistemas a uma mesma origem ou a uma mesma forma religiosa.

14 Limites da comparação e síntese analítica

A comparação realizada permite identificar convergências relativas à importância da natureza, à transmissão oral e à continuidade de conhecimentos. Essas convergências decorrem dos temas examinados e não constituem prova de identidade entre sistemas. A mata pode ser culturalmente central em mais de uma tradição, assim como a água ou os astros podem

participar de diferentes narrativas. O significado de cada relação depende do contexto que a organiza.

Uma conclusão consistente distingue três níveis de afirmação. No primeiro, descreve-se o que a bibliografia apresenta sobre uma tradição. No segundo, aproxima-se um tema identificado em contextos distintos. No terceiro, avalia-se o alcance da aproximação. A equivalência entre entidades não decorre dos dois primeiros níveis. Ela exigiria uma fundamentação que o material reunido não oferece e que não deve ser presumida.

O termo epistemológico, utilizado nesta discussão, refere-se às condições de produção e justificação do conhecimento. Um limite epistemológico indica o que a análise pode afirmar com fundamento. No artigo, esse limite impede que uma semelhança aparente seja tratada como comprovação de identidade religiosa. A clareza desse procedimento é especialmente relevante para estudantes, pois permite distinguir interpretação argumentada de associação feita apenas pela coincidência de atributos.

A comparação também não autoriza estabelecer hierarquias entre os sistemas culturais. A presença de escrita, a forma das narrativas ou a organização das entidades não constituem critérios suficientes para classificar uma tradição como superior. O objetivo é compreender relações e sentidos. Essa abordagem reconhece a produção de conhecimentos sem apagar a diferença entre uma análise acadêmica e as concepções religiosas dos próprios participantes.

Quadro 4 – Alcance das conclusões comparativas.

Tema	Formulação sustentada	Conclusão não autorizada
Natureza	Elementos naturais integram sentidos culturais.	Todas as tradições têm a mesma cosmologia.
Entidades	As referências possuem contextos específicos.	Oxóssi ou Xangô têm equivalentes Guarani.
Oralidade	Há transmissão comunitária de conhecimentos.	Todos os povos transmitem saberes de modo idêntico.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir do procedimento comparativo deste artigo.

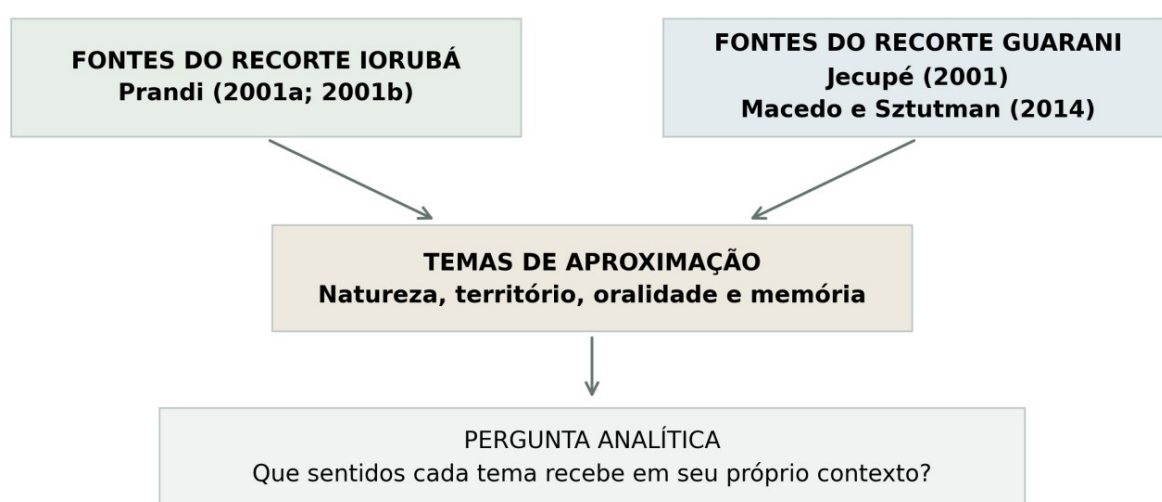
O quadro apresenta o alcance de formulações possíveis. Ele não acrescenta novos dados: explicita como os argumentos devem permanecer ligados às informações. A coluna dos limites mostra que o rigor depende da recusa de conclusões que ultrapassam a documentação. Essa estrutura ajuda a avaliar materiais escolares e sínteses que aproximam culturas sem explicar seus critérios.

A principal síntese do estudo é que comparar significa construir um problema compartilhado, e não fabricar correspondentes. O problema deste artigo reúne natureza, território, memória e transmissão. Sua análise evidencia relações possíveis entre tradições e

conserva as diferenças que sustentam seus sentidos. Desse modo, o resultado não é uma lista de equivalências, mas uma leitura contextualizada da pluralidade cultural.

Para explicitar o alcance dessa síntese, a Figura 3 apresenta o percurso interpretativo adotado no artigo. A organização parte das fontes de cada recorte, identifica temas de aproximação e mantém a contextualização como condição da análise.

Figura 3 – Percurso da comparação intercultural e seus limites.



Resultado: diálogo intercultural com diferenças explicitadas.

A presença de um elemento comum não comprova identidade entre entidades.

Fonte: Elaboração própria dos autores (2026), a partir do procedimento comparativo em Prandi (2001a; 2001b), Jecupé (2001) e Macedo e Sztutman (2014). Nota: O percurso é uma sistematização analítica deste artigo, não um modelo atribuído aos autores consultados nem uma classificação das tradições pelos próprios povos.

A Figura 3 torna visível a diferença entre selecionar um tema comum e justificar uma conclusão comparativa. A identificação de matas, águas ou referências celestes constitui um ponto de partida; o argumento depende dos sentidos que essas referências assumem em cada contexto. O diálogo proposto por Macedo e Sztutman (2014), ao abordar individuação e divinização entre os Guarani Mbya a partir de um problema inspirado nas religiões afro-brasileiras, contribui para reconhecer a possibilidade de interlocução entre questões, preservando a especificidade do campo estudado. No presente artigo, a aproximação permanece temática e bibliográfica: não demonstra origem comum, identidade religiosa ou correspondência entre entidades. Esse limite orienta também o uso educativo das figuras, que devem apoiar a leitura das fontes e das diferenças, em vez de substituir a análise por associações visuais imediatas.

15 Relevância educativa e considerações finais

O estudo das cosmovisões iorubá e Guarani possui relevância educativa ao ampliar a compreensão de diferentes formas de produzir e transmitir conhecimentos. Para o terceiro ano do ensino médio, essa discussão exige linguagem clara, conceitos definidos e referências identificáveis. A acessibilidade não depende da retirada de questões complexas; depende da explicação das relações necessárias para compreendê-las. A exposição mantém, assim, o caráter acadêmico sem transformar precisão em vocabulário excessivamente abstrato.

A escola pode favorecer esse percurso quando apresenta as tradições em seus contextos e distingue descrição, interpretação e comparação. O uso de expressões totalizantes, como cultura africana ou cultura indígena, precisa ser acompanhado de delimitações. O recorte iorubá não representa toda a diversidade africana, e o recorte Guarani não abrange todos os povos indígenas. Essa precisão evita que a inclusão de um tema reproduza generalizações sobre os sujeitos que pretende reconhecer.

Os quadros utilizados contribuem para organizar a leitura, mas não substituem a argumentação. Uma representação visual exige fonte e explicação, porque a disposição de informações em colunas pode sugerir relações que o texto não sustenta. Neste artigo, as sínteses explicitam limites e temas, preservando o princípio de que a recorrência de um elemento natural não determina equivalência religiosa. A leitura de imagens e tabelas também precisa ser criticamente orientada.

A revisão permite concluir que natureza, território, espiritualidade e vida comunitária se articulam de formas próprias nos contextos estudados. Na tradição dos orixás, as associações discutidas envolvem matas, águas, fenômenos atmosféricos, trabalho, comunicação e movimento, conforme Prandi (2001a) e Verger (2018). No recorte Guarani, território, narrativas de criação e referências a Nhanderu, Kuaray e Jasy integram a discussão, com atenção à diversidade interna indicada pela bibliografia.

A oralidade constitui um eixo de transmissão e memória, mas não deve ser interpretada como ausência de elaboração intelectual. Prandi (2001b) e Jecupé (2001) permitem examinar sua importância em contextos distintos. Os processos de colonização, escravização, catequização e repressão interferiram nas condições de continuidade. O reconhecimento dessas interferências precisa coexistir com a consideração das formas comunitárias de preservação, interpretação e transformação.

A Figura 4 acrescenta uma aproximação visual por meio de fotografias de objetos identificados em acervos museológicos. À esquerda, apresenta-se uma peça iorubá da Nigéria,

registrada como machado cerimonial para dança de Ogum; à direita, um cesto identificado como Guarani, do acervo do Museu do Índio. A seleção contextualiza a diversidade das produções culturais e não atribui aos objetos uma mesma função (Sailko, 2013; Couto, 2018).

Figura 4 – Produções culturais iorubá e Guarani em registros museológicos.



À esquerda: peça iorubá, Nigéria, fotografada no MASP. À direita: cesto Guarani, acervo do Museu do Índio. Fontes: Sailko (2013), fotografia sob licença CC BY 3.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/>); Couto (2018), fotografia sob licença CC BY-SA 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>). Fotografias reproduzidas integralmente, com redimensionamento para diagramação. Nota: as datas correspondem aos registros fotográficos, não à fabricação dos objetos. As imagens exemplificam produções culturais específicas e não representam a totalidade das tradições africanas ou indígenas. Não se presume caráter ritual para o cesto.

O diálogo visual da Figura 4 fortalece a discussão ao relacionar o reconhecimento das tradições à existência de produções materiais documentadas. A identificação da peça iorubá remete a Ogum, já abordado no artigo; a descrição do cesto Guarani registra o emprego da taquara e sua destinação ao armazenamento de objetos pessoais (Sailko, 2013; Couto, 2018). A aproximação não permite atribuir o mesmo valor religioso às duas peças nem inferir significados espirituais a partir de seus formatos. Sua contribuição educativa está em tornar visíveis objetos culturalmente situados, cujas técnicas, usos e sentidos exigem contextualização. Assim, natureza, memória e produção cultural podem ser discutidas em conjunto, preservando a diferença entre a informação documentada sobre cada objeto e a interpretação comparativa construída pelo artigo.

A importância das relações afro-indígenas no contexto escolar decorre da possibilidade de estudar, em diálogo, conhecimentos e trajetórias que participam da formação social brasileira. Neste artigo, essa expressão designa uma interlocução analítica e educativa entre recortes culturais distintos; não comprova contato histórico direto entre os grupos abordados nem pressupõe uma tradição religiosa unificada. Reconhecer povos africanos e indígenas como produtores de conhecimentos permite discutir suas narrativas, memórias e produções materiais para além de uma apresentação restrita a costumes isolados. O diálogo exige, portanto, o mesmo

cuidado desenvolvido na comparação: aproximar questões sem apagar os sujeitos, os contextos e as diferenças que lhes conferem sentido.

Essa relevância encontra fundamento curricular na Lei nº 11.645/2008, que alterou o artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e médio, público e privado. A legislação determina a abordagem desses conteúdos em todo o currículo escolar, com destaque para educação artística, literatura e história brasileiras (Brasil, 2008). O recorte iorubá e Guarani desenvolvido neste artigo pode contribuir para esse trabalho, desde que apresentado como uma seleção delimitada, sem substituir a diversidade das histórias africanas, afro-brasileiras e indígenas por dois exemplos culturais.

Como possibilidade pedagógica, propõe-se articular a leitura de narrativas, a interpretação das figuras e a análise das fontes em atividades que solicitem aos estudantes distinguir descrição, interpretação e comparação. Na leitura das fotografias, por exemplo, a turma pode identificar a origem da informação, a autoria do registro e os dados efetivamente documentados sobre cada objeto, separando-os de associações sugeridas apenas pela aparência. Nas narrativas, pode examinar como os elementos naturais recebem sentidos específicos e como a oralidade participa da transmissão de conhecimentos. Essas atividades favorecem o exercício da argumentação fundamentada; sua eficácia, entretanto, dependerá do planejamento e de avaliação em situações concretas de ensino, não realizados nesta revisão.

Por fim, a abordagem escolar dessas relações deve integrar uma prática de reconhecimento e respeito, na qual estudantes negros e indígenas não sejam tratados como representantes obrigatórios de culturas inteiras. O estudo acadêmico de tradições religiosas pode ser conduzido pela contextualização histórica e cultural, sem exigir adesão às crenças examinadas. Recomenda-se, nessa perspectiva, um trabalho contínuo que questione estereótipos, recuse hierarquizações entre conhecimentos e reconheça a presença contemporânea dos povos estudados. A contribuição do artigo para uma educação antirracista e intercultural situa-se nessa orientação pedagógica: oferecer critérios de leitura e comparação, preservando a pluralidade e a possibilidade de diálogo.

Na perspectiva educativa, Jesus et al. (2026) articulam a valorização dos saberes ancestrais à inclusão curricular e à justiça epistemológica. Em diálogo com essa proposta, o estudo das cosmovisões pode solicitar que os estudantes examinem quem produz uma descrição cultural, quais fontes a sustentam e quais generalizações ela contém. Trata-se de uma possibilidade pedagógica formulada neste artigo, cuja aplicação requer planejamento e avaliação. A referência afrocentrada contribui especificamente para o reconhecimento dos

conhecimentos africanos e afrodescendentes; sua aproximação com o recorte Guarani exige interlocução, sem subsumir os saberes indígenas a uma matriz africana.

Como revisão bibliográfica, o artigo não apresenta uma descrição definitiva das tradições nem resultados etnográficos inéditos. Sua contribuição consiste em reorganizar o problema comparativo, contextualizando referências antes de aproximá-las. O diálogo entre cosmovisões torna-se mais consistente quando reconhece conhecimentos e diferenças, evitando reduzir experiências plurais a uma mesma estrutura. Entre matas, águas e céus, a análise evidencia diferentes modos de compreender o mundo e sustenta uma abordagem educativa comprometida com a precisão e o respeito à diversidade.

As interlocuções acrescentadas reforçam três exigências da comparação: situar a linguagem nas práticas culturais (Jesus et al., 2025), considerar os sujeitos da transmissão oral (Jesus; Alves; Sampaio, 2026) e reconhecer a relação entre ancestralidade e condições territoriais de continuidade (Suruí et al., 2026). O reconhecimento educativo dos saberes africanos e afrodescendentes (Jesus et al., 2026) complementa esse percurso. Esses aportes ampliam a argumentação sem modificar o resultado central: temas compartilhados permitem o diálogo, enquanto os sentidos permanecem vinculados às histórias e às relações próprias de cada tradição.

Referências

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 14 out. 2026.

COUTO, Ione Helena Pereira. Cesto Guarani, acervo Museu do Índio 10 01 at 16.45.36.jpg. 1 out. 2018. 1 fotografia. Wikimedia Commons. Licença CC BY-SA 4.0. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cesto_Guarani,_acervo_Museu_do_Índio_10_01_at_16.45.36.jpg. Acesso em: 14 out. 2026.

JECUPÉ, Kaká Werá. Tupã Tenondé: a criação do universo, da terra e do homem segundo a tradição oral Guarani. São Paulo: Peirópolis, 2001. Disponível em: <https://www.editorapeiropolis.com.br/produto/tupa-tenonde/>. Acesso em: 14 out. 2026.

JESUS, Sérgio Nunes de; ALVES, Shyrley de Almeida; SAMPAIO, Miriam Almeida. Guardiãs da floresta: protagonismo feminino e resistência linguística na Amazônia indígena. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 31, p. 1–31, 2026. DOI: <https://doi.org/10.70773/revistatopicos/773641530>. Disponível em: <https://revistatopicos.com.br/artigos/guardias-da-floresta-protagonismo-feminino-e-resistencia-linguistica-na-amazonia-indigena>. Acesso em: 14 out. 2026.

JESUS, Sérgio Nunes de; ARAÚJO, Nádia Barros; QUEIROZ, Ana Paula Torres de; FIGUEIREDO, Juliana dos Santos; SILVA, Simone Matia da. Rito, comunicação, linguagem: análises e suas implicações culturais. Caderno Pedagógico, Curitiba, v. 22, n. 5, e15110, 2025. DOI: <https://doi.org/10.54033/cadpedv22n5-240>. Disponível em: <https://repositorio.ifro.edu.br/handle/123456789/2430>. Acesso em: 14 out. 2026.

JESUS, Sérgio Nunes de; BRITO, Edmilson Maria de; SILVA, Reginaldo Conceição da; SILVA, Suzenir Aguiar da; ALVES, Shyrley de Almeida; QUINTINO, Simone Marçal. Epistemologia afrocêntrica: saberes ancestrais, educação, sustentabilidade e justiça epistemológica (fundamentos e aplicações). Revista DCS, [S. l.], v. 23, n. 92, e6184, 2026. DOI: <https://doi.org/10.54899/dcs.v23i92.6184>. Disponível em: <https://ojs.revistadcs.com/index.php/revista/article/view/6184>. Acesso em: 14 out. 2026.

MACEDO, Valéria; SZTUTMAN, Renato. A parte de que se é parte. Notas sobre individuação e divinização (a partir dos Guarani). Cadernos de Campo, São Paulo, v. 23, n. 23, p. 287–302, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v23i23p287-302>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/98492>. Acesso em: 14 out. 2026.

NUNES, Victor Hugo Basilio. Orixá e natureza: o Candomblé na perspectiva decolonial. In: GUILHERME, Willian Douglas (org.). História e as práticas de presentificação e representação do passado. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.7592028057>. Disponível em: <https://atenaeditora.com.br/catalogo/post/orixa-e-natureza-o-candomble-na-perspectiva-decolonial>. Acesso em: 14 out. 2026.

PIERRI, Daniel Calazans. O dono da figueira e a origem de Jesus: uma crítica xamânica ao cristianismo. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 265–301, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2014.87761>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/87761>. Acesso em: 14 out. 2026.

PRANDI, Reginaldo. Deuses africanos no Brasil contemporâneo: introdução sociológica ao Candomblé de hoje. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 10–30, 1995.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos orixás. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a. Disponível em: https://reginaldoprandi.fflch.usp.br/mitologia_dos_orixas. Acesso em: 14 out. 2026.

PRANDI, Reginaldo. O Candomblé e o tempo: concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 43–58, 2001b.

RAMO, Ana Maria. Nos tempos antigos nhanderu soube qual haveria de ser nosso futuro teko. Tempo, troca e transformação entre os Guarani. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 63, n. 1, p. 122–142, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2020.168618>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/168618>. Acesso em: 14 out. 2026.

SAILKO. Nigeria, yoruba, ascia cerimoniale per danza di ogun.JPG. 20 nov. 2013. 1 fotografia. Wikimedia Commons. Licença CC BY 3.0. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Nigeria,_yoruba,_ascia_cerimoniale_per_danza_di_ogun.JPG. Acesso em: 14 out. 2026.



SHAPIRO, Judith. From Tupã to the land without evil: the Christianization of Tupi-Guarani cosmology. *American Ethnologist*, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 126–139, 1987.

SURUÍ, Oyagui Maycon; SILVA, Suzenir Aguiar da; SILVA, Reginaldo Conceição da; QUINTINO, Simone Marçal; OLIVEIRA, Nilza Duarte Aleixo de; JESUS, Sérgio Nunes de. Saberes ancestrais e práticas sustentáveis: a produção cultural do povo Suruí na Amazônia brasileira. *EDUCA*, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 1–24, 2026. DOI: <https://doi.org/10.54901/educa.v9-259>. Disponível em: <https://repositorio.ifro.edu.br/handle/123456789/2780>. Acesso em: 14 out. 2026.

VERGER, Pierre Fatumbi. Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo. Tradução de Maria Aparecida da Nóbrega. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2018.